

## Revisitando as fronteiras da formação analítica

Sergio Lewkowicz

Gostaria de iniciar agradecendo aos organizadores pela oportunidade de participar desta mesa com amigos queridos e de longa data.

Penso que as fronteiras da formação analítica estiveram abertas para a transmissão da psicanálise no que se convencionou chamar de centro da vida ocidental, na corrente principal, o *mainstream*, mas que estiveram bastante fechadas para as margens, para a periferia, tanto no que se refere ao seu estudo nos Institutos, bem como na inclusão de candidatos diversos para a formação.

“Como podemos lidar com situações onde não parece existir espaço para uma terapêutica individual? quando o racismo, a transfobia e a gordofobia permanecem operando dores, muitas vezes, irreparáveis. Cinquenta minutos são pouco se comparados a trajetórias de vida entendendo que está errado, que está indesejado, que está desviado. Uma vida criada para não ser vivida” (Sofia Favero, 2020).

Creio que Favero nos alerta para a necessidade de incluirmos em nossa formação o estudo das desigualdades em que estamos imersos. Eu destacaria em particular o racismo, especialmente o racismo estrutural com seu funcionamento inconsciente presente em todos nós, o trabalho na comunidade e o estudo da diversidade sexual.

Nesta apresentação vou abordar especialmente as fronteiras com a diversidade sexual.

### I. Despatologizar

A crítica principal que os antropólogos, sociólogos e outros pensadores fazem à psicanálise foi sobre o fato de as teorias psicanalíticas terem se mantido normativas, particularmente heteronormativas em relação à sexualidade. A partir dos anos 60, com o movimento feminista e a liberação sexual na cultura ocidental, começou uma abertura em relação à sexualidade; autores como Deleuze e Foucault passaram a questionar a ideia de uma

identidade sexual estável e universalizante. Crítica esta que foi se ampliando a partir da década de 80 com os estudos *queer*, mas que só mais recentemente está sendo incorporada às nossas teorias.

Minha impressão é a de que a psicanálise não acompanhou esta mudança na maneira de entender a sexualidade. Ao seguir com sua tendência normativa acabou por fechar as fronteiras para a diversidade sexual tanto na teoria, como na prática analítica com seus pacientes. Da mesma forma, na formação analítica, fechando as portas das instituições psicanalíticas para pessoas com diversidade sexual e de gênero.

Acredito que precisamos nos abrir em nossos institutos para o estudo de uma psicanálise nas fronteiras, na periferia, na margem em todos os sentidos. Particularmente o aprendizado que pode ser obtido através das atividades psicanalíticas extramuros, na comunidade, como hospitais, escolas e populações vulneráveis entre outros.

Tanto os analistas como as instituições psicanalíticas persistem em uma ambivalência em relação a normatizar a sexualidade em oposição a uma visão mais singular e específica de cada pessoa. Ainda não parece haver analistas transgênero nas nossas instituições no Brasil e só recentemente foram aceitos candidatos declaradamente homossexuais para a formação analítica, e mesmo assim há certa ambivalência em relação a eles.

Para isso, vou me utilizar do livro *Pajubá-terapia*, da psicóloga travesti Sofia Favero. Segundo ela: “abrir mão da narrativa psicopatológica não é um processo fácil, pontual e específico”. Ao contrário, é um movimento constante para evitar teorias normativas, hegemônicas, que marginalizam as experiências sexuais e de gênero diversas.

Pajubá, originalmente, é um dialeto que mesclava o português com uma série de línguas africanas, muito usado pelos praticantes das religiões afro-brasileiras; posteriormente foi adotado pela comunidade LGBTQ+. Essa ideia de uma terapia pajubá estaria baseada na escuta da singularidade não normatizada dessa população. Seria uma escuta de toda a dor e miséria dessas pessoas, mas também de suas sensibilidades e qualidades. Como diz Favero: “Há uma dimensão do amor, do afeto, do desejo e de vida que não pode ser perdida de vista, ainda mais em um processo terapêutico” (Favero, 2020).

## II. Escutar a singularidade

*“À medida que aprendi a silenciar meus preconceitos, descobri que podia reconhecer a evidência que estava presente, em vez de me lamentar por aquela que estava ausente. Quando meus ouvidos se acostumaram com o silêncio, os pequenos sons se tornaram mais fáceis de ouvir.”*

(Bion, 1977, p. 35)

Wilfred Bion, em seu texto sobre a Grã (1977), descreve como ficava esperando as palavras de um paciente gago, angustiando-se com sua dificuldade para articulá-las, até o momento em que resolveu prestar atenção à própria gagueira do paciente, percebendo que o paciente estava se comunicando com ele, mas de outra maneira.

Penso que esse tipo de escuta proposta por Bion e retomada por Ogden e Ferro, entre outros autores contemporâneos, permite que se busque o discurso que está além das palavras, o que vai favorecer a interação emocional com o paciente, uma maior apreensão da realidade psíquica e crescimento emocional da dupla analista/paciente.

Penso que a primeira coisa a enfrentar em nós, analistas, é nossa atitude diante do contato emocional com as novas manifestações da orientação sexual e de gênero, ou seja, nossa contratransferência, um tema pioneiro e profundamente estudado por Racker na Argentina e muito desenvolvido em todo o mundo nos últimos 70 anos.

Temos que tentar repensar nossas teorias a partir da escuta de pessoas que vivem e expressam sua sexualidade e identidade de gênero fora dos modelos de binaridade e heterossexualidade. Pessoas de que só agora conseguimos reconhecer a existência e que só agora podem procurar nossos consultórios.

Também penso que a nossa grande questão atual é o quanto somos capazes de “tolerar”, de “sustentar” um campo analítico com pacientes tão fluidos, mutáveis, cambiantes e indefinidos.

Conforme salientado por Favero (2020), essa psicologia limítrofe, nas fronteiras, procura oferecer um “estar junto de forma genuína, pois não há como chamar de saudável uma vida criada para ser menor que as outras”. E acrescenta que não é um problema de família, não é um problema escolar e não é um problema cultural, mas de fato a soma de todas essas coisas: “é preciso que sejam criadas brechas as vidas transgêneras” (p. 88).

Penso que podemos fazer um esforço consciente para evitar nossos preconceitos com esses pacientes, mas sutilmente, inconscientemente, nossa contratransferência pode nos deixar com um viés, um *bias* em relação a essas novas configurações.

Considero que atualmente podemos pensar que nosso corpo teórico contemporâneo está em tensão entre as duas perspectivas: a binária e a não binária; entre uma visão heteronormativa e uma visão mais integradora e complexa das identidades de gênero; entre uma visão mais patologizante e outra mais aberta à escuta das diferentes manifestações; entre uma expectativa de estruturas “estáveis” e uma abertura para funcionamentos psíquicos mais “instáveis”.

## I. Interdisciplinaridade

Penso que nossas teorias psicanalíticas sobre identidades de gênero e orientações sexuais estão sempre em construção, porque são sempre incompletas e dinâmicas. Precisamos de uma interlocução com outras disciplinas que também se dedicam a essa temática, como a antropologia, a sociologia, a filosofia e a biologia, entre outras, para podermos dar continuidade a essa construção e enriquecer-nos mutuamente. Além disso, o fato que me parece fundamental para desenvolver nossas teorias é que possamos mudar nossa atitude de resistência às diferentes manifestações tanto em nossos consultórios quanto em nossos institutos. Além de acolher diversas pessoas em nossas instituições, poder incluir esses temas no currículo da formação e nos preparar mais adequadamente para receber esses pacientes.

Um aspecto fundamental nesse sentido seria que pudéssemos utilizar em nossos institutos a bibliografia latino-americana dessas outras disciplinas

relacionadas à psicanálise e, principalmente, os textos literários e científicos produzidos pela comunidade da diversidade sexual.

Gostaria de concluir enfatizando que é necessário nos prepararmos para superar a resistência, corporificada em nossa geração, que essas pessoas nos despertam para podermos nos aproximar efetivamente do ser humano específico e único que procurou nossa ajuda.

Acreditávamos ter uma identidade de gênero ancorada em estruturas psíquicas estáveis e permanentes ao longo da vida. Seremos capazes desse encontro emocional com instabilidades tão marcantes?

Só podemos nos comprometer com a prática analítica dentro da ética de nossos limites.